

TÍTULO ORIGINAL:

SUKKAR BANAT (2007)

Título em português:

CARAMEL

Estreia em Portugal: 6 de março de 2008

Edição DVD: Clap Filmes, Lisboa, 2007

Duração: 91 min.

Realização: Nadine Labaki

Fotografia (cores): Yves Sehnaoui

Música: Khaled Mouzanar

Argumento: Nadine Labaki e

Jihad Hojeily

Intérpretes principais: Nadine Labaki

(Layale); Yasmine Al Massri (Nisrine

(as Yasmine Al Masri); Joanna

Moukarzel (Rima); Gisèle Aouad

(Jamale); Adel Karam (Youssef);

Sihame Haddad (Rose); Aziza

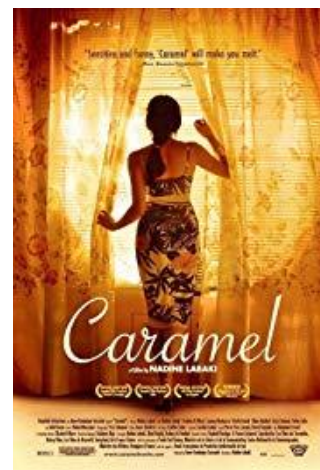
Semaan (Lili); Fatmeh Safa (Siham);

Dimitri Staneofsk (Charles); Fadia

Stella (Christine); Ismaïl Antar

(Bassam); Cinderella Al Haji (a cliente

ruiva); Daed Al Khoury (Samia).



O FILME – SINOPSE

Em Beirute, cinco mulheres cruzam-se num salão de beleza, um microcosmos colorido em que várias gerações se encontram e partilham segredos e intimidades. Layale é amante de um homem casado e vive na esperança de que ele deixe a mulher um dia. Nisrine é muçulmana e vai casar-se em breve, mas já não é virgem e teme a reação do futuro marido quando ele descobrir. Rima vive atormentada pela sua atração por mulheres, especialmente uma cliente do cabeleireiro. Jamale vive obcecada pela idade e pelo físico. E Rose sacrificou a sua vida pessoal para tratar da irmã. No salão, os homens, o sexo e a maternidade são os temas de conversa. Conversas íntimas, que gozam de uma liberdade que não têm no mundo exterior.

Disponível em: <https://cinecartaz.publico.pt/Filme/190529_caramel/>.

Acesso 22.02.2020

(texto adaptado)

DADOS | OPINIÃO | REFLEXÃO

No percurso de Nadine Labaki I

1.

Nadine Labaki nasceu em 1974, no Líbano. cursou Estudos Audiovisuais na Universidade de São José, em Beirute. Como projeto de fim de curso, realizou a curta-metragem “11 Rue Pasteur” (1997), vencedora do prêmio de melhor *curta* na Bienal de Cinema Árabe de Paris, em 1998. Em 2007, ganhou reconhecimento internacional com a sua primeira longa-metragem, “Caramel”, participando na Quinzena dos Realizadores do Festival de Cannes. “Et maintenant on va où?” realiza a sua segunda *longa*, sendo igualmente um filme muito premiado: Prémio Ecuménico do Júri do Festival de Cannes, Prémio Cavalo de Bronze do Festival de Estocolmo e Prémio Audiência do Festival de San Sebastian, em 2011. Mas é com “Cafarnanum”, em 2018, que Nadine Labaki tem o seu pleno reconhecimento, obtendo com esse filme, entre outros, o Prémio do Júri do Festival de Cannes, o prêmio de Melhor Filme do Festival de Cinema Sarajevo e de S. Paulo, Brasil, em 2018.

<https://www.cinefrance.com.br/filmes/profissionais/nadine-labaki>
(texto adaptado)

2.

Os textos de apoio a este ciclo constituem uma trilogia, uma vez que correspondem às três longas-metragens da realizadora libanesa. São, por isso, uma análise que pretende assinalar um percurso estético e ideológico na construção fílmica das imagens e daquilo que nelas está evidenciado.

2

As últimas imagens que aparecem no écran, Rose e Lili percorrendo as ruas de Beirute, são, fora dos eixos da narrativa fílmica, a confirmação do verdadeiro significado de “Caramel”. Acresce que, nesses derradeiros fotogramas, Labaki deixa ainda, a respeito da deambulação das duas irmãs, uma mensagem escrita muito evocativa: *À minha Beirute*.

Estes dois pormenores, situados para além do fim do filme, obrigam-nos a regressar a ele para visitar aquilo que o caracteriza. Ao fazer este percurso, no sentido inverso à narrativa, reconhecemos a evidência do essencial. Nesse doce pastoso das histórias femininas, o essencial é o cuidado, leia-se, a dedicação que cada uma daquelas personagens, tão comuns e tão próximas, tem pelo seu semelhante. Este distintivo humano assinala, para além de tudo, o valor do filme, a sua natureza ingénua.

Não são, por isso, o dia a dia comezinho de um salão de cabeleireiro ou, por seu turno, o dia a dia tristonho de uma costureira solitária, Rose, que vive com a sua irmã idiota, Lili, que determinam o significado do filme. Em rigor, esta primeira camada feita de conversas banais é demasiada superficial e pode causar equívocos, distorcendo aquilo que é fundamental apreender. Se fizermos uma retrospectiva ao filme, a partir desse vaguear de Rose e Lili, encontramos na história a permanência de cenas, cujo desfecho é sempre um *estender de mão*, um espírito de entreatajuda manifestado, uma aproximação sensível ao outro para o aliviar da vida penosa que carrega. Tudo isso observamos no companheirismo de Layale, Nisrine, Rima e

Jamale, as três jovens cabeleireiras que estão sempre atentas e presentes aos problemas de cada uma; no carinho de Charles que se afeiçoa por Rose, com uma desmedida pureza e respeito; na singeleza de Bassam, o polícia que revela a sua paixão imaculada e paciente por Layale; na ilusória tentativa, por parte de Jamale, para que a idade não avance e seja sempre um tempo partilhado de juventude; por fim, na doçura de Rima para com a enigmática mulher que gosta de sentir, na carícia feita aos seus cabelos pela cabeleireira, um prazer inocente e um tranquilo bem-estar.

A beleza que está presente em “Caramel”, não é propriamente advinda da estética das imagens obtidas. Nisso, sob o ponto de vista cinematográfico, o filme não seduz propriamente. Falta-lhe a crueza da história, a rudeza dos planos. A sua beleza e o seu mérito estão, exclusivamente, no forte apego humano, nessa vigorosa solidariedade atuante, construtora de um mundo melhor que, infelizmente, vive aprisionada pelos preconceitos e pela intolerância. Esse olhar de Labaki a Beirute é o olhar de alguém que, sobrevoando os escombros da guerra, da violência insana de toda uma região, quer deixar um sinal de irmandade para com esse mundo mal-agradecido. Esse olhar, contrastando com a dureza maioritária das imagens e narrativas expressas por outras cineastas do Médio Oriente, demonstra que Labaki começou por acreditar nessa escolha. Ou seja, mostrar a fraternidade a partir da comicidade, do ingénuo, do elementar.

“Cafarnaum”, o seu terceiro filme, expõe, em contrapartida, a desilusão profunda dessa opção feita. O mesmo humanismo, esse inesgotável fio solidário é exposto num quadro de miséria humana, de desencanto de vidas andadas, onde todos se agridem, mas também são vítimas, em especial as crianças.

Por isso, olhemos “Caramel” como um momento inaugural habitado pela esperança, em que a esperança se conta a partir de pequenas histórias triviais e sem importância, mas, no entanto, sofridas na sua pequenez, a partir de um imenso céu limpo e sem nuvens.

Coloquemos, pois, nos nossos olhos esse feliz e raro filtro que nos leva para dentro das imagens que professam uma fraternidade cada vez mais longe de ser concretizada.